

A AGRESSIVIDADE IMPLÍCITA NO FENÔMENO DA COMPULSÃO AO CONSUMO

Flávia Cunha Pacheco (PIC), Marco Antônio Rotta Teixeira (Orientador), e-mail: flavia_cunha_pacheco@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Área e subárea do conhecimento: Papéis e estruturas sociais; Indivíduo.

Palavras-chave: Idealização, Gozo, Indústria Cultural.

Resumo:

Este trabalho tem como objeto de estudo a agressividade, entendendo que suas roupagens têm ampla relação com o contexto em que se é analisada. Será adotado o referencial psicanalítico freudiano para entender a completude do conceito e sua disposição na modernidade, enquanto que a análise deste impulso na pós-modernidade será embasada em teóricos contemporâneos. Como cenário desta pesquisa se observa uma desarticulação do coletivo que faz com que o homem se sinta impotente em comparação com organizações de poder, por exemplo, a organização do consumo. Detectamos com nossas análises que o consumo e seus aparatos se constituíram em bases perversas, que busca capturar os impulsos humanos mais sombrios e renegados. A pesquisa é de cunho qualitativo e de referência bibliográfica. Não obstante, o método de análise baseia-se na proposta da abordagem dialética, a qual considera a apreensão e a análise do que se quer estudar atrelada às transformações sociais. A expectativa é de que o estudo possa contribuir para o desenvolvimento de um olhar crítico das implicações que o contexto traz para a construção da subjetividade.

Introdução

A explicação de termos escolhido este contexto como quadro de pesquisa é por analisarmos este como angustiante, ao passo que, não há mais um legislador ou uma figura de autoridade que se encarrega por cuidar do futuro. Na atualidade nossa felicidade cai sobre nossa responsabilidade, ou melhor competência pessoal, porém, sentimo-nos na maioria das vezes incompetentes e baixos. O homem tem que criar sua própria identidade-imagem, afinal, não existe mais uma Suprema Repartição, e aqui não pode ser deixado de lado as diferentes possibilidades e condições sociais. Isto alimenta a competição, em vez de gerar uma cooperação. Observa-se atualmente o exacerbado almejo da procura desenfreada pela aparência, poder, superação, sucesso – ao qual o homem deve mostrar-se melhor que outros nestes e muitos outros aspectos. Um dos campos mais disputados é

a estética, de acordo com Freud, está ocorrendo um movimento de eclosão desde a modernidade “[...] a beleza, a limpeza e a ordem ocupam evidentemente uma posição especial entre as exigências culturais [...]” (FREUD, 1930, p. 94). O sujeito contemporâneo busca por formas de liberar os excessos: uma dessas seria no abuso de drogas – movimento compulsório de repetição banalizado na cultura em que nos encontramos atualmente –, diferentemente do consumismo, que é cada vez mais valorizado. A compulsão ao consumo será o sintoma que iremos nos pautar para analisar a agressividade hoje, já trazendo no objetivo da pesquisa a hipótese de um “novo” traje: a compulsão ao consumo, considerando esta prática como a principal característica da forma de ser e de se viver no mundo atual.

Ademais, o estudo em questão, além de apresentar contribuições acadêmicas e pessoais, fomentaria novas reflexões no campo teórico-científico. Dando a nós maiores possibilidade de questionarmos acerca do mal-estar tão presente hoje, pensando que a agressividade pode ser grande atuante na acentuação deste. O que estaria ao nosso alcance fazermos diante deste intenso mal-estar e desamparo que sentimos?

Materiais e métodos

Foi utilizado para a realização da pesquisa websites ligados a universidades e bancos de dados como: Pepsic, Google acadêmico, Scielo e no banco de dados da CAPES. Além de livros da Coletânea de Freud – Companhia das Letras e LP&M. Também apoiamos-nos em livros de comentadores de Freud, além do vocabulário de Psicanálise. A pesquisa foi orientada a partir do método de abordagem dialética, a qual considera a apreensão e a análise do que se quer estudar atrelada às transformações sociais. De tal modo, esse método permite compreender os fenômenos sociais em sua amplitude cultural e historicizada.

Resultados e Discussão

Discussões freudianas acerca desta temática surgem ao passo que Freud teoriza a Pulsão de morte (força pela qual se faz possível se afirmar um instinto agressivo). A partir disto considera que, não só existe uma pulsão de vida, mas, também uma pulsão de morte. Estas são forças que fazem o homem agir, viver e são interligadas e não adversárias, “o princípio de intrincação entre a pulsão de morte e a pulsão de vida se anuncia assim: não há vida sem morte, não a morte sem vida [...]” (REY-FLAUD, 2002, p. 42). Um exemplo deste entrelaçamento entre forças seria a civilização, que teria a Pulsão de vida a seu favor (busca juntar maior número possível de indivíduos), mas, foi por meio de Thânatos que se instaurou a comunidade. A pressão interna, por conta de estímulos que despertariam ódio e amor, é presente em todo ser vivo, mas, o que faz mais o homem se diferenciar dos outros animais é a forma na qual ele lidará com estas pressões. Cada qual terá uma ligação intensa com a história do sujeito.

De acordo com alguns comentadores atuais de Freud há 3 ditas “pulsões” que derivam da Pulsão de morte, elas têm algo em comum: o que as caracteriza é a agressividade. A relação entre Pulsão de morte e agressividade estaria no fato de que os impulsos agressivos, que são representantes somáticos desta pulsão, são calcados na agressividade. Isto não quer dizer que estes termos são equivalentes, porém, é essencial destacar duas coisas: que só é possível a existência de impulso (agressivo, de destruição ou de dominação) por conta da presença da dialética de forças (Eros e Thânatos) que habitam o sujeito e nunca – nem pulsão de vida e nem de morte – se mostrarão em estado puro (FREUD, 1920).

Entendendo o contexto moderno a partir de lentes freudianas, vê-se que há uma grande contradição que demarca as tentativas humanas de ofuscar a existência do aspecto agressivo, que toma corpo a partir do contexto em que se analisa. Há na modernidade o “projeto civilizatório” e, em seguida a explosão de duas Guerras Mundiais – o espaço mais explícito e oportuno para o sujeito expelir sua agressividade, e ainda da forma mais prazerosa o suficiente: do modo original. Freud (1930) ao analisar este tempo elencou 3 formas mais comuns que os homens se utilizavam para explorar sua agressividade: a força bruta para com o outro (sendo a vítima selecionada socialmente); o mecanismo de sublimação (deslocamento libidinal); e a autodestruição. Neste último caso a agressão seria mandada de volta a sua origem, dirigida contra o próprio Eu.

Já a pós-modernidade é demarcada pela passagem de uma sociedade da produção para a de consumo em massa e/ou segmentado. O consumo no mundo da liquefação está em tudo, ou seja, toda ação; pensamento; desejo; relação; está prescrito nos moldes do consumir. O ato de consumir hoje se aproxima cada vez mais ao ato de devorar partes do adversário mais forte, pensando que adquiriremos os traços mais vigoroso, potente deste.¹ Como se “[...] o uso de certos objetos nos trarão características particulares reconhecidas e valorizadas pelas comunidades [...]” (RAMOS, 2007, p. 108). O consumir remete também ao laço totêmico, em que garantindo tal mercadoria posso me sentir pertinente à um determinado grupo, um pseudo-coletivo que tem como pai a mercadoria e seus valores (RAMOS, 2007).

A grande organização do consumo tem ao seu lado boa parte da mídia, que faz com que as ações de destrutividade; violência; perversão, não seja apenas acontecimentos sócio-políticos e econômicos, mas, também como algo a ser consumido, um produto oferecido pela indústria cultural. Este é assistido com prazer e entusiasmo. O conteúdo midiático da *indústria cultural*² está recheado de princípios que buscam capturar os instintos

¹ Uma prática ritualista bastante intensa dos primitivos, os quais acreditavam que alimentando-se do guerreiro inimigo mais forte, toda a sua força e características positivas serão transmitidas ao devorador.

² *Indústria cultural* se encontra pela primeira vez no livro *Dialektik der Aufklärung*, de Adorno e Horkheimer, 1947, Amsterdã. O conceito antecessor de indústria cultural fora cultura de massa. O termino indústria aqui apresentado estaria ligado à standardização da coisa

humanos mais sombrios (o de destruição-morte) e usar para o êxito da finalidade do sistema capitalista: o consumo desenfreado e perverso (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

As mudanças não foram só em âmbitos sociais e culturais, mas, conjuntamente com modificações de estrutura da personalidade. Observa-se facilmente no homem pós-moderno um engrandecimento narcísico, sendo possível ser enxergado no medo da dependência, na sensação de vazio, ódio humor nervoso e autodepreciativo, que, porém, são tampouco estudados de forma interligada com padrões característicos da cultura contemporânea, como: o temor de morrer e da velhice, o encantamento pela celebridade, medo da competição, as relações deterioradas.

Conclusões

É necessário se pensar o porquê atualmente a vida em sociedade parece tão ameaçadora, ou seja, porque vejo o outro como um alguém que pode prejudicar a minha busca pelo gozo?

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. (1947). A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos: Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, p. 57-80.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio do prazer. In:_____. **Sigmund Freud Obras Completas**. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia da Letras, 2010, p. 261-239.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014, 192 p.

RAMOS, C. Imperativo de gozo e propaganda no laço social da sociedade de consumo. **Mental**. Barbacena, n. 9, p. 101-116, nov. 2007.

REY-FLAUD. Os fundamentos metapsicológicos de *O mal-estar na cultura*. In: LE RIDER ET AL. **Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud**. São Paulo: Escuta, 2002.

(produto) e racionalização das formas de disseminação. Adorno faz uma crítica à produção cultural, sendo que, em sua opinião, não há mais uma criação, encontramos apenas reproduções disfarçadas, envolvidas por facetas (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).